

BRITO BROCA E MACHADO DE ASSIS -- ALGUMAS NOTAS

JOHN GLEDSON
University of Liverpool

Não há dúvida de que a geração de críticos, pesquisadores e historiadores da literatura, entre os quais se destaca Brito Broca -- e insisto um pouco na distinção entre essas três atividades, embora muito bem possam combinar-se numa só pessoa, como foi o caso dele -- foi responsável por uma mudança considerável na compreensão de Machado de Assis. No meio da década de cinquenta apareceu o livro mais importante de todos, a *Bibliografia* de José Galante de Souza, de 1955 -- a que ele modestamente se referia como seu 'tijolão' -- que nos dá a aproximação mais fiel do que ainda hoje não existe, uma verdadeira obra completa. Os livros de Raymundo Magalhães Júnior, sobretudo *Machado de Assis desconhecido*,¹ revelaram a juventude politicamente engajada do romancista, e contribuíram muito para discutir o mito do escritor inteiramente desligado do seu tempo. Os ensaios de Astrojildo Pereira, recentemente e em boa hora republicados,² alguns dos quais datam de muito antes da década de cinquenta ('Romancista do Segundo Reinado' é de 1939), dão uma base mais forte e sistemática a essa nova visão. Foram todos eles, -- e outros, como Lúcia Miguel Pereira, Eugênio Gomes e, mais tarde, Jean-Michel Massa -- pesquisadores com uma grande curiosidade pela obra menor (às vezes supostamente menor) e por detalhes despercebidos, que podem levar longe.

Não há como negar os limites nos quais esbarra a percepção de toda esta geração no que se refere à obra de Machado. Fico tentado a dizer que esses limites se estribam sobretudo na impossibilidade de separar, de maneira mais radical, o Autor dos seus narradores. Assim, Brito Broca é capaz não só de associar Machado com Aires e Aguiar,³ o que afinal se compreende e, no caso do segundo, talvez até se justifique, mas também de afirmar que alguns que conheceram mais de perto Machado de Assis (dir-se-ia melhor: menos de longe) afirmaram ser Brás Cubas perfeito retrato psicológico do romancista''⁴. Noutras palavras, há uma ironia sistemática e construída, baseada em preconceitos sociais, que toda uma geração -- várias gerações -- foi incapaz de perceber e que, só com as obras de Helen Caldwell (de 1960), Raymundo Faoro, e Roberto Schwarz (res)surgiu à luz do dia.

Mas, dentro desses limites, bem marcados não no sentido de serem muito estreitos, mas de serem mesmo muito bem definidos, há muito que descobrir para o leitor de hoje, e algumas tarefas sem concluir. Quando Brito Broca leu, na introdução à edição crítica de *Ressurreição* (1870) sobre a possível influência em Machado de *Paule Méré* (1865), de Victor Cherbuliez, romancista sem dúvida secundário que freqüentou as páginas da *Revue des Deux Mondes*, não teve dúvidas, foi ao Gabinete Português de Leitura -- onde, posso informar aos pesquisadores de hoje, esse romance ainda está, com outros de Cherbuliez, -- leu, e verificou essa influência, na medida em que existe.⁵ Sejamos honestos, quantos de nós faríamos a mesma coisa

hoje? Era bem do feitio de Brito Broca insistir na presença dos secundários e dos esquecidos, como sabemos, e noutros momentos dos seus ensaios sobre Machado ele fala de Octave Feuillet, de Léon Gozlan, de Georges Ohnet, de Joseph Méry, de Dumas Fils,⁶ que formavam a atmosfera literária de Machado até bem próximo à data das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Tais veias podem levar longe -- quais são as verdadeiras relações entre a ficção de maturidade e a ficção popular, deste ou de outros tipos? Será inteiramente casual que numa crônica de 1877 Machado diga (com ironia?) que "Tocou a vez de Rocambole", ou que num conto ('O machete' de 1878) o herói sonhe com a junção de um violoncelo e um machete -- e enlouqueça? "Ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos" (*Brás Cubas*, "Ao leitor").

O título, *Machado de Assis e a Política*, que Brito Broca escolheu para o seu livro, talvez resuma a sua contribuição mais característica e marcante aos estudos machadianos. Como bem nota Silviano Santiago, na sua introdução à "segunda" edição, muito ampliada, Brito Broca tinha um faro excepcional para as sutis, e às vezes deprimentes, relações entre as duas áreas.⁷ No fundo, sentimos que não acreditou nunca no mito do Machado absentelista, e é por isso que inicia a coletânea com um estudo, "Jornalismo político" do jovem plenamente politizado -- e dos mais reveladores, para mim, porque mostra que Machado também não era ignorante noutro ramo talvez mais surpreendente: a economia. Como bom Liberal que era em 1860, criticou um projeto economicamente conservador do ex-Liberal Sales Torres Homem. Sem dúvida alguma, na esteira de outras crises (a do Banco Souto, por exemplo, de 1864, que menciona diversas vezes na ficção e nas crônicas), Machado não teria as mesmas opiniões trinta anos mais tarde, depois do Encilhamento, mas podemos aceitar outra vez, sem sentir a carga de ironia, a sua pretensa ignorância perante os mecanismos e as causas dessa crise? Para quem pesquisa na área das crônicas d'*A Semana* (1892-97), outro assunto praticamente virgem de estudos sérios (um dos poucos interessantes é justamente de Brito Broca),⁸ e onde essa crise surge uma e outra vez (chega a dizer que a data da criação do mundo foi "mudada mais tarde para 17 de janeiro de 1890", data da liberalização efetuada por Rui Barbosa),⁹ esse artigo sobre a juventude de Machado é uma chamada à ordem. Noutras palavras, a ignorância seria de Machado, ou das vítimas deste "boom" inflacionário?. Do chacareiro, por exemplo, que diz: "perdi quase tudo o que tinha com as tais *debêntures*; mas ficou-me sempre um cobrinho no fundo do baú, e como agora ouço muito falar em *habeas corpus*, vinha, sim, vinha perguntar-lhe se esses títulos são bons, e se estão caros ou baratos".¹⁰

Brito Broca é quase sempre sugestivo: tenho a impressão também que, dentre os críticos e pesquisadores dessa geração, é o que chega mais perto do Machado inconformista e inconformado que se esconde sempre debaixo do escritor e burocrata cerimonioso e infalivelmente patriota que sai das páginas de Raymundo Magalhães Júnior, por exemplo. O ensaio sobre a escravidão é um bom exemplo.¹¹ Aqui, Brito Broca chega a ver que esse Brás Cubas, supostamente *alter ego* do seu Autor, também aprova o Cotrim que encarna "a deformação moral produzida pelo regime servil", e que *Memorial de Aires* encerra algo como a história de uma traição -- é verdade que se concentre mais na figura do Barão de Santa Pia do que nos escravos que ele abandona, embora "talvez fosse até humano e generoso" (p.58). Chega a ser desapontador, então, que também escreva uma introdução a este mesmo romance em que a escravidão não aparece, e que o enquadre -- talvez com certa justiça, pelo menos nas aparências, do ponto de vista dos seus leitores -- no ambiente mudado do Rio da primeira década deste século, dos *five o'clock teas*, e de *A Literatura no Brasil -- 1900*. E certamente decepciona o fato de ele não nos dar a sua

impressão das crônicas de *Bons Dias!* -- ainda mais porque quase chega a esse ponto, tratando de algumas crônicas de 1886 e 1887, no mesmo excelente ensaio sobre a escravidão (pp.60-61). É claro que *Bons Dias!* só chegou a ser identificado depois de escrito o artigo, que é de 1951 mas, em 1955, estava à sua disposição.

Aliás, é uma impressão que se repete, essa de que quase chega a um certo ponto, a um limiar que acaba não atravessando -- isto é, quase chega a enxergar coisas que apontam para um Machado de Assis mais problemático. Afinal, é uma das explicações -- a principal, junto com a sua perpétua curiosidade por obras menores, juvenilia, crônicas, contos esquecidos, etc. -- da sua utilidade e do seu fascínio hoje. Darei um exemplo do seu ensaio sobre a Guerra do Paraguai, em que conta a história, no mínimo curiosa, de "Uma noite", conto de 1895. No fim desse conto, Isidoro, o narrador protagonista (que conta a história durante a batalha de Tuiuti [1867], se apaixona por uma moça, Camila, mas deixa-a depois de ela enlouquecer, reencontrando-a anos depois, aparentemente sã de juízo, mas na situação bastante duvidosa de atriz de teatro. Vai para a sua casa à noite, depois do teatro. Cito, do ensaio de Brito Broca: "Fora chovia. A moça convida-o para ficar por mais tempo, e justamente quando o rapaz narrava ao amigo a resolução que tomara de ir-se embora, uma bala inimiga deita-o por terra. Ficamos assim sem saber, exatamente, qual o desfecho da triste história, interrompida numa reticência misteriosa" (p.63). Magalhães Júnior, ao narrar o mesmo momento, não teve dúvidas: para ele, Isidoro "levanta-se e sai".¹² Não há dúvida de quem tenha razão -- se ele sai, o que é que aconteceu nessa "noite" que o aflige tanto e o força a contar a história? Tem-se a impressão de que Brito Broca sabe perfeitamente bem, mas, como o próprio Machado, prefere deixar as reticências, e é em parte nisso que reside a "força subterrânea" da sua posição crítica, que Silviano tão bem sentiu.

Uma nótula final e estas notas desconexas: não deixa de ser curioso que Brito Broca percebesse um possível caso de "empréstimo" de Machado, de Eça de Queirós, numa crônica de 1878, n' *O Cruzeiro*,¹³ onde aparece um Bei de Tunis (repetido anos depois, aliás, numa crônica de 1888)¹⁴ bem possivelmente tomado às *Notas Contemporâneas* do escritor português. Quem diria!? E no ano em que Machado acusava Eça de plagiar Zola n' *O Crime do Padre Amaro!* Ninguém é perfeito. Um dos prazeres inesperados de reler *Machado de Assis e a Política*.

NOTAS

1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1955.

2. *Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.

3. "Mas se Machado está em Aires, está igualmente em Aguiar" *Machado de Assis e a Política mais outros Estudos*. São Paulo, Polis/Pró-Memória Instituto Nacional do Livro, 1983, p.223.

4. op. cit., p.39.

5. "A Influência de Victor Cherbuliez", op.cit., pp.216-19.

6. op. cit., pp.37, 53, 214. V. também o artigo sobre Ohnet, pp. 169-71. Para um exemplo do que pode ser feito neste ramo, V. também o recente artigo de João Roberto Faria, "Singular Ocorrência Teatral", *Revista USP*, 10 (julho-agosto 1991), pp. 161-66.

7. Op. cit., p.13.

8. "A Semana Política de Machado", op. cit., pp.183-87.

9. *A Semana*, Vol. 1 (Vol. 24 da Edição Jackson das *Obras Completas*, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, 1942), p. 190 (a crônica é de 11 de dezembro de 1892, e não consta da edição Aguilar).
10. *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1962, p. 543. A crônica é de 31 de julho de 1892.
11. op. cit., pp.54-61.
12. *Machado de Assis Desconhecido*, p. 55.
13. Op. cit., p. 82.
14. *Bons Dias!* (ed. John Gledson), p.96. A crônica é de 19 de julho de 1888.